



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA

Elisa Martins Rodrigues Coutinho

**A COBRA VAI FUMAR: A MEMÓRIA A PARTIR DOS OBJETOS DA FORÇA  
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (BELO HORIZONTE, BRASÍLIA E  
CAMPINAS)**

Brasília, DF  
2017

**ELISA MARTINS RODRIGUES COUTINHO**

**A COBRA VAI FUMAR: A MEMÓRIA A PARTIR DOS OBJETOS DA FORÇA  
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (BELO HORIZONTE, BRASÍLIA E  
CAMPINAS)**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da  
Informação, da Universidade de Brasília – UnB,  
como partes dos requisitos para a obtenção do título  
de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profª Drª Andréa Fernandes Considera.

**Brasília, DF**

**2017**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

A COBRA VAI FUMAR: A MEMÓRIA A PARTIR DOS OBJETOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (BELO HORIZONTE, BRASÍLIA E CAMPINAS).

Aluna: Elisa Martins Rodrigues Coutinho

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

### Banca Examinadora:

Aprovada por:

Brasília-DF, 05 de março de 2018.

**Andréa Fernandes Considera – Orientadora**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutora em História - UnB**

**Ana Lúcia de Abreu Gomes – Membro**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutora em História Cultural - UnB**

**Silmara Kuster de Paula Carvalho – Membro**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Mestre em Tecnologia e Desenvolvimento - UTFPE**

**Maria do Socorro Sampaio Martins de Barros – Suplente**  
**Presidente da ANVFEB (seção Brasília)**  
**Graduada em Psicologia - CEUB**

Para minha família.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília, pelos momentos incríveis que somente uma universidade dessa magnitude pode oferecer. E em especial aos professores do curso de Graduação em Museologia: Ana Lúcia de Abreu Gomes, Bernardo Arribada, Celina Kuniyoshi, Daniela Pestana, Deborah Santos, Elizângela Carrijo, Emerson Dionísio, Mariana Santos, Matias Monteiro, Marijara Queiroz e Silmara Küster, que contribuíram compartilhando todo seu conhecimento e experiência comigo ao longo da minha caminhada na graduação;

À minha orientadora Andréa Considera, pelo tempo dedicado, pelas valiosas dicas, correções, apoio, conversas e momentos de descontração. Muitíssimo obrigada!

A Deus, por me dar a oportunidade de desfrutar dessa vida, de conferir-me saúde e fé para superar todas as adversidades ao longo da minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais Patrícia e Sérgio. Por renunciarem a tantas coisas para que eu pudesse ter sempre as melhores oportunidades na vida, por serem meus melhores amigos, pela paciência, pelo imenso amor e por serem meus exemplos de vida. Obrigada por junto dos meus irmãos Natália, Tiago e João, me incentivarem sempre e me darem todo o suporte pra que eu pudesse estudar e concluir o curso de bacharelado em Museologia. Essa conquista também é de vocês!

Aos servidores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização, Fábio Guimarães Rolim, Eliza Piccoli Ortiz e Ana Cláudia Vasconcelos, que deram a oportunidade da minha primeira experiência prática no campo da museologia.

Aos servidores e estagiários do Senado Federal, pela convivência, oportunidade de fazer a monitoria no Congresso Nacional e conhecer mais da história política do nosso país.

À Socorro, filha da enfermeira Aracy que participou da Campanha da FEB, por sempre me receber tão bem e compartilhar histórias de sua mãe.

À todos os meus colegas de graduação, pela convivência, trotes, gestão do Centro Acadêmico, trabalhos, seminários, montagem de exposição, estágios e viagens, obrigada por fazerem parte disso! Em especial à Glaucia Veloso, Mellyssa Carvalho, Marina Itabaiana, Marina de Sousa e Thais Ferreira por toda convivência, amizade, carinho, cumplicidade, lanches, dicas, parceria de viagem e coisas maravilhosas que fizemos juntas na Universidade;

À minha amiga e irmã Natália, por toda parceria e paciência sempre. Obrigada por sempre corrigir meus trabalhos e não me deixar passar vergonha sozinha.

À minha amiga Stella, por toda a paciência de me ensinar a fazer tabelas, estar sempre presente e me levar pra tomar sorvete quando eu não aguentava mais escrever o TCC.

À minha amiga Luíza, por estar lá em todos os momentos inéditos e maravilhosos da vida, por todas as risadas e por me permitir entrar como agregada na família.

À minha amiga Jade, por passar calma e paz quando eu preciso, por todas as trocas de figurinha, e por sempre me incentivar a correr atrás dos meus sonhos.

À todos os que participaram direta e indiretamente na minha formação. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

“A cobra vai fumar!”

(Lema da Força Expedicionária Brasileira)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir e analisar os objetos que representam a memória em diferentes grupos de guarda (museus, colecionadores e familiares). A partir dos textos de historiadores com diferentes visões da história e de tabelas analíticas elaboradas pela autora, identificarei os objetos mais comuns que representam os três tipos de grupo de guarda que abrigam acervos da FEB. Principalmente nas questões que envolvem, na prática museológica, a documentação, catalogação e o *thesauro* de acervos. Também serão discutidos conceitos de memória e história, e o que representam no âmbito museal. Chegou-se a conclusão de que cada grupo de guarda tem sua singularidade e preferências por alguma tipologia de objeto, e isso se dá pela relação que cada grupo tem com a memória da FEB.

**Palavras-chaves:** Representação; Memória; Força Expedicionária Brasileira; Documentação Museológica; Museologia; Seleção.



## **ABSTRACT**

This work has the focus of discuss and analyze the objects that represent the memory in different groups. As of the texts of historians with different opinions about the history and tables elaborate by the author, I will identify the objects that are more common in the representation of the three groups (museums, collections and family) that take care of the collections of Brazilian Expeditionary Force. Manly on the issues, that involves the museology practice, the documentation, the catalogued and the thesaurus. Also will be discuss the concepts of memory and history in relation of the museology.

**Keywords:** Representation; Memory; Brazilian Expeditionary Force; Documentation; Collection; Museology; Selection.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Nomenclatura em relação à quantidade de objetos.....	34
--	----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa do Brasil com estados que possuem acervos em museus sobre a FEB.....	30
<b>Figura 2</b> – Exemplo de Ficha Catalográfica do Banco de Dados.....	33
<b>Figura 3</b> – Medalha de Campanha.....	37
<b>Figura 4</b> - Uniforme/Farda.....	39
<b>Figura 5</b> - Capacete de Combate.....	40
<b>Figura 6</b> - Cartão Postal.....	41
<b>Figura 7</b> - Livreto.....	42
<b>Figura 8</b> - Caneca.....	43
<b>Figura 9</b> - Plaqueta de Identificação.....	44
<b>Figura 10</b> - Expedicionários em deslocamentos feitos em terrenos cobertos de neve.....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Gráfico analítico do percentual de “Insígnias” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....37
- Gráfico 2** - Gráfico analítico do percentual de “Objetos Associados à Fotografia” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....38
- Gráfico 3** - Gráfico analítico do percentual de “Vestuário” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....39
- Gráfico 4** - Gráfico analítico do percentual de “Equipamento de Caça e de Guerra” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....40
- Gráfico 5** - Gráfico analítico do percentual dos objetos em questão ao acervo de cada grupo de guarda .....41
- Gráfico 6** - Gráfico analítico do percentual de “Cartão Postal” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....42
- Gráfico 7** - Gráfico analítico do percentual de “Livreto” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....43
- Gráfico 8** - Gráfico analítico do percentual de “Objetos e Equipamentos de serviço de alimentos” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade .....44
- Gráfico 9** - Gráfico analítico do percentual de “Objetos de Identificação Pessoal” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.....45
- Gráfico 10** - Gráfico analítico do percentual dos objetos em questão ao acervo de cada grupo de guarda.....45
- Gráfico 11** - Gráfico analítico da quantidade de objetos por categoria.....46

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
Revisão de Literatura.....	14
Objetivos .....	16
Metodologia .....	16
Justificativa .....	17
<b>Capítulo 1 Memória e Representação</b> .....	19
<b>Capítulo 2 Análise Quantitativa e Tipológica dos Acervos catalogados</b> ...	30
<b>Capítulo 3 Análise Museológica dos Acervos da FEB</b> .....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

Iniciei o curso de Museologia no primeiro semestre de 2014, com o primeiro contato que tive com o curso pude perceber que ele era bastante

amplo e interdisciplinar, fazendo com que eu ficasse mais segura ao saber que poderia ter uma área que eu me identificasse mais para trabalhar.

Ao longo do curso, fiz disciplinas que me interesssei muito, como Introdução à Antropologia, onde consegui entender melhor a relação que existe entre um povo e suas memórias e tradições. Já a disciplina História da Arte no Brasil, com o Professor Emerson Dionisio Gomes de Oliviera, nos introduziu no mundo acadêmico ao fazer com que nós, alunos do segundo semestre, escrevêssemos um artigo sobre uma obra de arte ou museu de nosso país.

Tive uma carga pesada de leituras e fichamentos com a Professora Celina Kuniyoshi na matéria de Museologia 2. Apesar da grande quantidade percebi que consegui absorver a proposta de cada texto sugerido, fazendo com que eu conhecesse melhor os autores da área da museologia e com que eu ampliasse meus conhecimentos através de diversas visões abordadas. Fiz também a disciplina Oficinas de Ensino de História- Lugares de Memória do DF, uma matéria prática, em que pude ter a oportunidade de entender realmente as relações entre uma comunidade e um lugar de memória, e do que se tratavam afinal os bens materiais e imateriais.

Iniciei também um projeto de extensão no Centro de Memória Viva na Faculdade de Educação, e fiquei responsável pela organização no acervo documental do Centro Educacional Paulo Freire – CEPAFRE na Ceilândia. A atividade consistiu em separar os documentos por assunto e depois higienizá-los. Consegui perceber então que a “guarda da memória” não é necessariamente feita somente por museus.

Além disso, fiz também a disciplina de Museologia, Patrimônio e Memória, que inicialmente não me chamou muita atenção por abordar muitas leis e burocracias, mas depois se fez muito útil todo esse conhecimento na prática no meu estágio no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que entrei em junho de 2016, estagiei no Departamento de Bens Móveis e acabei trabalhando bastante com vários sistemas de inventários do Iphan, como o BCP (Bens Culturais Procurados) e o SICGI (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão), acabei usando meus conhecimentos de legislação

em geral e também muitos métodos de catalogação e gestão de acervo. Produzindo também alguns diagnósticos sobre os sistemas utilizados.

Cursei a disciplina de Gestão de Museus e Políticas de Acervos Museológicos e a disciplina de Informação e Documentação Museológica com a Professora Andrea Considera. Foram as duas matérias que mais me identifiquei no curso, por ser algo fundamental em qualquer tipo de museu e acervo museológico e além de ser tão prático e "exato".

Neste mesmo período iniciei um Programa de Atividade Complementar (PAC) no Museu Casa de Memória dos Ex-Combatentes de Brasília com a Professora Andrea Considera voltado para a catalogação dos objetos do museu.

E por fim, cursei a matéria "Tópicos Especiais em Museologia Aplicada a Acervos 1", e acabei me interessando muito por ser uma matéria voltada para heráldica.

No período do 2º semestre de 2016 ao 1º semestre de 2017 realizei uma pesquisa de Iniciação Científica (ProIC), com a professora Andrea Considera sobre o perfil das coleções relacionadas à Força Expedicionária Brasileira (FEB), o que me deixou bastante curiosa sobre como os objetos selecionados conseguem dizer o que um grupo social quer representar, dando assim origem ao tema desta monografia.

Esta pesquisa foi proposta a partir de uma reflexão acerca da relação entre os objetos e a sua representação. Essa discussão faz parte de um dos quatro eixos da museologia, o eixo a ser utilizado no respectivo trabalho é o Eixo três: Museologia e Patrimônio Cultural, que é dirigido para a formação geral e congrega disciplinas básicas, ligadas a várias áreas do conhecimento. O objetivo é fundamentar e integrar o estudo da museologia a um campo interdisciplinar, com o foco na cultura, memória e patrimônio.

Deste modo, o trabalho discutirá o tema da representação e sua relação com a memória e os objetos, na visão de historiadores como Roger Chartier, Paul Ricoeur, Pierre Nora, Sandra Pesavento e Jacques Le Goff, e também de autores da área da museologia como Mário Chagas, Gustavo

Barroso e Adolpho Dumans. Ou seja, o trabalho busca um diálogo entre diferentes áreas para entender se há diferenças na construção de memórias de acordo com cada tipo de grupo de guarda do acervo a ser estudado, ou se a memória é algo único e imutável. Além de dar visibilidade para uma parte da história do Brasil que é pouco contada.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral:**

Identificar a representação dos objetos de acervos da FEB no Brasil (Belo Horizonte, Brasília e Campinas) nos diferentes tipos de grupos de guarda.

### **Objetivos específicos:**

- Analisar o inventário desenvolvido durante o ano de 2016 para o Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.
- Elaborar critérios para identificar os diferentes tipos de representação a partir dos objetos.
- Avaliar a relação entre cada grupo de guarda e os objetos que lhes representam.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa a ser desenvolvida é de cunho básico, analítico, interpretativo e descritivo uma vez que é a proposta da investigação, descrição e análise da representação de acordo com seu perfil de guarda de acervo. Essa análise será descrita com base em autores da área de história e de museologia como Jacques Le Goff, Roger Chartier e Mário Chagas, assim como por meio do inventário da FEB feito pela professora Andréa Considera no ano de 2016, além das tabelas de comparação elaboradas para o Projeto de Iniciação Científica orientado pela mesma professora no último ano (2016-2017).

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida sobre os assuntos de memória, patrimônio, inventário e grupos de guarda, enquanto o levantamento documental irá abranger documentos escritos, inventários e tabelas analíticas.

### **JUSTIFICATIVA**

Tendo em vista a pouca divulgação da história da Força Expedicionária Brasileira (FEB), e motivada justamente pela necessidade de discutir a memória dessas pessoas, que querendo ou não fazem parte da História do Brasil, o tema proposto é entender qual a representação desses objetos em diferentes tipos de grupos de guarda. Ou seja, observar essa memória por diferentes tipos de percepções.

A representação é um tema bastante discutido na História, pois acredita-se que a partir desse conceito somos capazes de perceber uma nova história, em que se consegue entender as relações sociais a partir de como os indivíduos e grupos se percebem e percebem o outro. (CHARTIER, 2007).

O tema apresenta conceitos históricos e museológicos, para que assim os gestores desses acervos, que muitas vezes são parte ativa dessa memória, possam compreender melhor seu acervo e entender a importância de preservar essa memória a partir dos objetos.

O trabalho proposto, alcançando qualidade e profundidade, poderá contribuir para a definição de Tipologias de Acervo da FEB, além de entender sua representação em cada tipo de perfil de guarda, analisando o Inventário de Acervos da FEB, feito em 2016, pela professora Andréa Considera.

Tendo em vista a representação dessa memória nos acervos da FEB dentro do âmbito museológico, decidiu-se por trabalhar com as Coleções de diferentes Museus, Colecionadores e Familiares da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Deste modo será utilizado o inventário feito no ano de 2016 para o Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

No primeiro capítulo irei explicar os conceitos de memória e representação a partir da visão de alguns historiadores, além de apresentar a chegada dos museus de temática militar no Brasil por meio de uma bibliografia



na área museológica e por fim farei um histórico reduzido do processo de formação da FEB e sua vivência na Segunda Guerra Mundial.

Já no capítulo 2, apresentarei os dados quantitativos dos acervos, por meio de gráficos e tabelas, levantados pelo Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB. Exporei a quantidade de objetos mais comuns encontradas nos acervos de museus, familiares e colecionadores das cidades de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF) e Campinas (SP) até o momento inventariados.

Por fim, no terceiro capítulo irei analisar e interpretar os dados explanados no capítulo 2. Além de apresentar algumas hipóteses do porque da preferência de alguns objetos pelos grupos de guarda e conceitos de guardar e colecionar objetos.

Antes de prosseguir, deixo aqui uma ressalva: ao longo do trabalho utilizarei o termo “Expedicionário”, já que esse termo consegue abarcar toda e qualquer pessoa que participou da Campanha da FEB.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Sendo assim, não utilizarei os termos “febianos”, “excombatentes” e “veteranos”, para não excluir a participação de nenhuma pessoa envolvida.

## CAPÍTULO 1

### Memória e Representação

Neste capítulo trato de alguns conceitos e fundamentos teóricos que irão dialogar entre si e serão a base do trabalho para identificar a representação nos objetos relacionados à FEB de acordo com o lugar onde foram reunidos: os museus, os colecionadores e os familiares. O primeiro destes conceitos é o de “memória” que o autor Jacques Le Goff (2003) defende como sendo um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, sendo que a busca desta é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.

Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um elemento de poder, pois a partir do momento em que as diversas sociedades humanas começaram a ter uma memória social, seja ela oral ou escrita, se inicia uma compreensão melhor dessa luta pela dominação da recordação e tradição de seu povo, tendo assim uma manifestação da memória mais clara. (LE GOFF, 2003)

Além de compreender o conceito de memória, precisa-se entender a relação entre a memória e o objeto, tendo como ponto de partida dois tipos de “materiais da memória”: os *documentos* e os *monumentos* que foram definidos por Jacques Le Goff como: “O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.” (LE GOFF, 2003, p. 535) e já o documento é uma escolha do historiador e cabe a ele tirar dos documentos “tudo que lhes contém e não acrescentar nada do que não lhes contém” (LE GOFF, 2003, p. 536). Somando a isso, o autor Samaran contribui com esse pensamento, afirmando que “não há história sem documento” (SAMARAN, APUD, LE GOFF, 2003, p.541).

Fustel de Coulanges, citado por Le Goff (2003), explica que no princípio o documento era apenas um texto, porém Fustel começou a perceber que essa definição deveria ser ampliada. O autor afirma ainda que onde faltam

os documentos históricos devem ser olhadas qualquer marca que o homem deixou sobre sua vida e sobre sua inteligência. Deste modo, os documentos não existem mais por si próprios, existem sim pela relação que tem com uma série de fatos e acontecimentos. Desta forma, segundo Le Goff:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, e sim um produto da sociedade que o fabricou. Somente a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento da causa.(LE GOFF, 2003, p.545)

Junto a Le Goff os fundadores da revista "Annales d'histoire économique et sociale" (1929), também citada por Le Goff (2003), entendem essa necessidade de ampliar a noção de documento dita por Fustel de Coulanges, concordando que realmente a história é feita principalmente de documentos escritos, quando os mesmos existem. Porém, quando não existem, devem-se utilizar outros meios, como palavras ou signos.

Já Pierre Nora, que estuda a memória, afirma que há uma grande distinção entre o conceito de história e de memória. Ele relaciona a memória com a vida, pois ela é sempre carregada por grupos, está sempre em evolução e aberta ao diálogo entre a lembrança e o esquecimento; já "a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais." (NORA, 1993, p.9). Nora defende que:

Memória, história: longe se serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. (...) A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p.9)

Com isso, ele explica que a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história, já que o dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo. Que todos os corpos constituídos, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. (NORA, 1993, p.7-28)

Deste modo, Michel Foucault, resume os problemas da história em "questionar o documento" (1969, p.7), pois afirma que a história, em sua forma tradicional, tinha como prioridade memorizar os monumentos do passado,

transformando-os em documentos, que por vezes não condiziam com aquilo que realmente queria ser dito. Já nos dias atuais a história é o sujeito que transforma os documentos em monumentos, formando conexões e relações entre eles.

Além disso, a autora Monique Clavel-Lévèque, também citada por Le Goff (2003), percebe que

o documento é composto de elementos que ‘funcionam como um 'inconsciente cultural' que assume um papel decisivo e intervêm para orientar uma apreensão, profundamente baseada nas lutas e nas realidades imperialistas do momento (2003, p. 547),

o resultado dessa análise só pôde ser obtido dessa maneira porque a autora teve que considerar seu documento como um monumento.

Por fim, Le Goff afirma que o documento é monumento. E que isso resulta de esforços de sociedades históricas para a geração futura, sendo ela voluntária ou não. E que realmente “não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”. (2003, p.548)

O segundo conceito a ser utilizado é o de representação. A autora Sandra Pesavento (2003) acredita que o novo olhar sobre a história se dê a partir do conceito da representação, que é uma das categorias centrais da História Cultural, e esse conceito foi incorporado pelos historiadores a partir do século XX por formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, que estudaram as formas integradoras da vida social dos povos chamados, segundo a autora, de primitivos atuais, deste modo entenderam que as representações expressas por normas, discursos e ritos formavam uma realidade paralela, fazendo os homens viverem por elas e nelas.

A autora defende que as representações são “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva. (...) Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.” (PESAVENTO, 2003, p.39) Porém, alerta que a representação é um conceito ambíguo, estabelecendo uma relação entre ausência e presença, pois “a representação não é uma cópia do real, sua

imagem perfeita, espécie de reflexo, e sim uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2003, p.40).

Pesavento ainda completa que as representações apresentam variadas configurações. Sendo assim pode-se dizer que o mundo é construído de forma múltipla e contraditória, por diferentes tipos de grupos sociais. Isso significa que cada grupo tem o poder de impor sua maneira de perceber o mundo, de estabelecer normas e valores, gostos e percepções para outros tipos de grupos.

Roger Chartier também reconhece que o conceito de representação é importante para a criação da nova história cultural. Defendendo que essa noção permite vincular estritamente as posições e relações sociais com a maneira com que os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. Fazendo com que as representações coletivas e simbólicas encontrem, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade. (CHARTIER, 2007, p.47-50)

Ele define então a representação como:

uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e a definição, submetida e resistente que cada comunidade produz de si mesma; a outra que considera recorte objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto á sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade. (CHARTIER, APUD, VENANCIO, 2014, p. 27)

Sendo assim, Giselle Venancio (2014) citando Roger Chartier ainda afirma que as representações e os discursos constroem relações de dominação, e entendendo a representação dessa maneira, ela mesmo não nos afasta nem do real nem do social. O autor cita Foucault, que diz que as representações não são simples imagens, falsas ou verdadeiras de uma imagem que lhes seria externa. As representações, segundo ele, possuem uma energia própria que leva o mundo ou o passado a crerem ser o que dizem que são. Deste modo, as representações produzem artifícios que rompem pensamentos na sociedade e as incorporam nos próprios indivíduos.

Com isso, o autor Fernando Nicolazzi (2014) relata a visão que Ricoeur tinha sobre representação, que seria as “relações entre as construções da história e seu face a face, a saber, um passado do mesmo tempo abolido e preservado em seus rastros (traces)”, o autor ainda completa com outro trecho de Ricoeur:

a representação no plano histórico não se limita a conferir roupagem verbal a um discurso do qual a coerência seria completa antes de sua entrada na literatura, mas que ela constitui uma operação de pleno direito que possui o privilégio de trazer à luz a visada referencial do discurso histórico. (RICOEUR, APUD, PARADA, 2014, p. 27)

Nicolazzi (2014), analisando esses dois trechos de Ricoeur afirma que a representação não significa uma cópia pura e simples dos fatos que aconteceram. Ela traz consigo, assim como o objeto, o signo do que foi perdido na memória, porém percebe-se uma barreira na linguagem, já que a compreensão total dessa memória passa a ter limites. Ou seja, aquilo que é oferecido para o leitor pelo discurso histórico, é, ao mesmo tempo, um pouco mais e um pouco menos do que realmente de fato aconteceu.

Somando a isso, os museus, são locais que por meio dos objetos tentam transmitir as narrativas da memória, por meio de diversos tipos de discursos. Sendo assim, o próximo assunto a ser explanado nesse capítulo será o do surgimento dos Museus Militares, que veio juntamente com uma tentativa de conseguir representar a identidade nacional no Brasil por meio de objetos de guerra.

Segundo Myrian dos Santos (2002), no âmbito internacional podemos notar um crescimento do número de museus no século dezanove, que surgem como forma de comemorar aspectos nacionais. Com isso surgem os primeiros museus militares na França e na Alemanha já no final do século. Esses museus expressavam, segundo a autora, o caráter de cada nação através da exposição de objetos que foram utilizados em sua expansão territorial, como armas, medalhas, objetos de artilharia e objetos de heróis nacionais.

Deste modo, Myrian dos Santos diz ao longo do século XIX teve início o surgimento de museus no Brasil, de diversas tipologias, mas sempre seguindo modelos já conhecidos na Europa. Depois da Proclamação da República, vários foram os intelectuais que defendiam a criação de um museu que preservasse a história do nosso país. A autora ainda afirma que os museus daquele século buscavam expressar um forte nacionalismo, criando exposições com objetos que representavam os heróis nacionais, como medalhas, armas, canhões e etc.

Neste contexto, em 1922, Gustavo Barroso criou o Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro. Ele conseguiu convencer as autoridades de desmontar o museu militar e levar todo o acervo para o MHN, pois acreditava que por meio desses objetos ele conseguiria transmitir a ideia de nação, que segundo ele, se formava a partir da unidade territorial que se deu por meio da Guerra do Paraguai. (CONSIDERA, 2015, p.21).

O autor Mário Chagas (2006) associa a formação dos museus militares com o início do período de comemoração do centenário da independência, pois foi nesse momento que começou um movimento para a construção da identidade nacional no Brasil, mas, para isso:

era preciso constituir calendários e datas cívicas, fixar iconograficamente a imagem dos mandatários da nação, erigir monumentos, redigir documentos, elaborar projetos historiográficos de nação independente, convocar artistas e outros intelectuais para este projeto. Era preciso, sobretudo constituir uma nova inteligência e estabelecer novos procedimentos de fixação de memória (CHAGAS, 2006, p.41).

Tendo isso em vista, toda essa realidade da construção da identidade nacional já havia sido estudada, como visto anteriormente, por renomados historiadores e estudiosos da memória, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Monique Clavel-Lévêque e etc. Os autores perceberam a importância de um grupo de pessoas se reconhecerem em sua própria história, utilizando os documentos e monumentos para sua autoafirmação de pertencimento.

Deste modo, Chagas diz que foram criados museus do exército, pois o país tinha necessidade de “construir o pedestal dos heróis e celebrá-los em bronze ou mármore, povoar a memória com atos de bravura, heroísmo,

personagens ilustres e vultos invulgares” (CHAGAS, 2006, p.43). Essa tipologia de objetos, segundo os moldes europeus, colabora com a construção da nação, já que representam a “glória” do país.

Tendo o modelo europeu de museus como referência, os museus nacionais se dividiram em dois tipos: o primeiro com um caráter de ciências naturais, em que teriam objetos de elementos da natureza e artefatos de povos “primitivos”, além de obras de arte de valor consagrado para mostrar como a nossa civilização tinha participação num contexto universal. E o segundo que seriam museus com objetos de caráter militar para representar a singularidade da nossa nação e a história nacional. (CHAGAS, 2006.)

Walter Benjamin defende que a barbárie da guerra é também um monumento de cultura, e não somente o lado dos dominadores da história deve ser contado. O autor afirma que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie.” (BENJAMIN, 1994, p.225). Ou seja, toda história tem diversos lados e protagonistas, mas nem sempre suas versões são contempladas.

Querendo dar essa visibilidade da barbárie aos Expedicionários Brasileiros, que são o foco desta pesquisa, discorrerei resumidamente o histórico e a vivência da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

O Brasil se encontrou no contexto da Segunda Guerra Mundial nos anos de 1940. O governo brasileiro ainda estava indeciso com o lado da guerra que iria apoiar e isso se dava por conta das crenças contraditórias que figuras importantes no governo na época tinham: “enquanto Filinto Müller, chefe da polícia do Rio de Janeiro, e Francisco Campos, Ministro da Educação, eram favoráveis às potências fascistas, Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, colocava-se contra.” (ROSA, 2010, p.23).

Rosa explica que a inclinação brasileira para apoiar os aliados se deu por conta do sucesso das negociações de empréstimos entre o Brasil e o Eximbank, em 1941. Dessa forma, a aliança política entre Brasil e Estados Unidos foi efetivada. Em março do mesmo ano, o Brasil assinou um acordo que permitia aos Estados Unidos à utilização da costa brasileira como bases aeronavais. Sendo assim, o Brasil teve sua primeira participação direta na



guerra depois de repetidos ataques aos navios brasileiros por parte da força submarina alemã. “Cerca de dezoito navios foram perdidos nesses ataques, realizados até em águas brasileiras. Além das perdas materiais, foi grande o número de brasileiros mortos.” (ROSA, 2010, p.24). “Evidentemente, isso provocou reações espontâneas que resultaram em manifestações populares, exigindo a entrada do Brasil na guerra.” (ROSA, 2010, p.25).

Tendo em vista todo esse cenário e juntamente com a pressão dos norte-americanos, Getúlio Vargas decidiu que lado apoiaria. No dia 22 de agosto de 1942 aconteceu a declaração de guerra<sup>2</sup>.

Meses depois, no dia 15 de março de 1943, Getúlio Vargas aprovou o envio de tropas brasileiras para combater na Segunda Guerra Mundial:

O primeiro passo para a concretização da Força Expedicionária Brasileira foi a criação da Portaria Ministerial 47-44 do dia 13 de agosto de 1943, que regulamentou a criação da 1ª DIE - Divisão de Infantaria Expedicionária. Ficou definido que seria composta da seguinte forma: de um Quartel Geral, Estado-Maior Geral, Estado Maior especial e Tropa Especial, Infantaria Divisionária, Artilharia Divisionária, Batalhão de Engenharia, Esquadrão de reconhecimento, Batalhão de Saúde, Companhia de transmissão e esquadrilha de Aviação. (ROSA, 2010, p.29)

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) no quesito de estratégia e operacionalidade militar seguia a doutrina francesa, que já se encontrava ultrapassada para a época. Com isso foram necessárias diversas adaptações e improvisos quando se depararam com o treinamento diferenciado e moderno norte-americanos antes da guerra. Após o rompimento dessas antigas diretrizes francesas, iniciou-se a seleção daqueles que iriam participar de forma prática das atividades de combate.<sup>3</sup>

A seleção foi outro fator que dificultou muito a formação da Força Expedicionária Brasileira, pois mais de um ano após a decisão de efetivar apoio militar aos países aliados, não se tinha organizado um regimento de infantaria. O que teria imposto o atraso seria, principalmente, o desconhecimento dos resultados das inspeções de saúde e de seleção de seus homens. Portanto, a falta de preparo não estava só no meio

---

<sup>2</sup> ROSA, Alessandro dos Santos. A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

<sup>3</sup> Idem

político-militar, mas também em áreas técnicas, como a da saúde. (ROSA, 2010, p. 32)

Dos selecionados para compor o efetivo expedicionário, uma parte pequena era de voluntários; os outros seguiam o que estava previsto da Lei do Serviço Militar de 1939:

Onde estava preconizado que o “tributo de sangue” era um ato de cidadania a que estavam sujeitos os jovens brasileiros. A prestação do serviço militar era uma das obrigações que condicionava aos direitos políticos e civis da população masculina adulta. (ROSA, 2010, p.33)

Ou seja, os combatentes na verdade eram civis, que como explica Caroline Ojeda (2015):

Foram homens recrutados de diversos lugares do país, ou seja, não tinham preparo algum para enfrentar a situação que os impunham, porque eram civis. Pensemos ainda que estamos nos referindo a um Brasil da década de 1940, em que boa parte de sua população vinha da zona rural. (OJEDA, 2015, p.4).

A tropa expedicionária após todo o treinamento não tinha data nem hora marcada para partir, isso fazia parte da estratégia para dificultar o vazamento de informações. No dia 24 de junho de 1944 embarcou então o primeiro grupo para Nápoles na Itália.<sup>4</sup>

Chegando à Itália, a tropa se adaptou rapidamente e eficientemente ao cenário de destruição em que se apresentava o território italiano. Passou a contar com recursos de última geração, com o apoio da logística norte-americana.

Apesar dos expedicionários terem se adaptado rapidamente à realidade dos campos de batalha na Itália, a participação acabou acarretando em alguns choques e traumas. Os soldados iam contra seus próprios princípios de não fazer mal ao seu próximo. Esses acontecimentos tiveram como consequência uma série de dificuldades para retornar a conviver socialmente ao seu meio de origem no momento do retorno<sup>5</sup>.

Um ano após o embarque para a Itália, no dia 18 de julho de 1945, retornou o 1º escalão da Força Expedicionária Brasileira no porto da cidade do

---

<sup>4</sup> ROSA, Alessandro dos Santos. A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

<sup>5</sup> Idem.

Rio de Janeiro.<sup>6</sup> Tendo obtido resultado positivo na guerra, os participantes da FEB voltaram como heróis da pátria, porém a FEB já havia sido desmobilizada quando retornaram para o país, ou seja, os mesmos já voltaram como civis. Segundo Ojeda (2015), os ex-combatentes espantaram-se com a alegria e respeito da população. Em entrevista ao historiador Alessandro Rosa,<sup>7</sup> ao recordar das comemorações do Rio de Janeiro, o ex-combatente da FEB, Agostinho da Motta, conta: “olha, eu vou te dizer, foi a maior apoteose que eu já vi na minha vida. Que coisa espetacular, maravilhoso”. Mas logo em seguida faz uma ressalva muito importante:

“Mas foi só os três dias, depois que acabou não queriam nem ver a gente [...] Você vê o que eu estou dizendo, eu passei cinco anos sem entrar nos quartéis. Eu quando vim da Guerra, você sabe que é o... porque nós ficamos no abandono, quando saímos da Itália. Chegaram, puseram nós no abandono, sem direito a nada. Quando você ia pedir emprego a maioria “não, não quero você”, que era louco. Foi um desajuste social fora de...o que morreu de companheiro na miséria, na...foi...foi coisa de doido.”<sup>8</sup>

Deste modo nos deparamos a uma enorme contradição diante do reconhecimento, ou a falta dele com os ex-combatentes que lutaram e puseram suas vidas em risco. Segundo Alessandro Rosa (2010) não se pode culpar integralmente a sociedade por esse desfecho de desvalorização com a participação brasileira na guerra, já que, essa imagem distorcida dos expedicionários foi dada pela ação do próprio Estado criando assim barreiras de socialização entre os ex-combatentes e o povo brasileiro, já que não aconteceu nenhum evento ou divulgação para enaltecer a imagem dos expedicionários, fora sua chegada apoteótica.

Criou-se então uma crença dentro da sociedade, segundo Rosa (2010) de que aqueles que eram ex-combatentes, sofreriam obrigatoriamente de traumas de guerra. Sendo assim, houve grande discriminação por parte da sociedade em relação a eles. A maneira como os ex-combatentes foram

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Entrevista realizada por Alessandro Rosa, em 12 de novembro de 2009, em Curitiba – PR, com o excombatente da FEB Aristides Saldanha Verges.

<sup>8</sup> Entrevista realizada no dia 09 de agosto de 2014, na Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Campo Grande – MS, presidida pelo senhor Agostinho da Motta.

recebidos e reintegrados dentro da sociedade, sem qualquer amparo ou apoio psicológico favorecia esse quadro.

Com isso, o retorno para casa, algo que era muito desejado por todos, acabou não sendo como o esperado por parte dos expedicionários, devido ao desenrolar desses acontecimentos. Porém o sentimento totalmente contrário era demonstrado pelos familiares, que aguardavam ansiosos pela chegada dos mesmos. Mas a atitude governamental levou os expedicionários a ter um sentimento de exclusão, como analisado por Leonécio Soares: “Nós partimos do Brasil com promessas do então Presidente da República, que ainda a bordo de um dos navios disse: “A Pátria jamais os esquecerá” na realidade nada disso aconteceu”. (ROSA, 2010)

Assim, até hoje, é comum ouvir críticas vindas dos ex-combatentes a respeito da forma como as autoridades competentes os trataram. Rosa afirma que os expedicionários acusam o Estado e as Forças Armadas de que, quando precisaram de voluntários para a guerra, estavam prontos para receber e no retorno não houve nenhuma preocupação em criar mecanismos para que ocorresse uma reinserção social, tal como comenta o ex-combatente J. Waldir Merçon: “tinha precisado de nós, nos fez soldados capazes de ganhar a guerra, nos transformou psicologicamente e nos lançou na vida civil sem que estivéssemos preparados para ela”. (ROSA, 2010, p.79)

Dessa forma, este capítulo apresentou conceitos e autores que a partir de discussões e diálogos conseguiu-se interpretar a memória e representação em relação aos objetos dos ex-combatentes, além de relatar um pouco do histórico da FEB. Já no próximo capítulo serão analisados de forma mais objetiva os dados de acervos que foram levantados na elaboração do banco de dados da FEB no âmbito do projeto de implantação do Museu Virtual da Força Expedicionária Brasileira.

## CAPÍTULO 2:

### Análise Quantitativa e Tipológica dos Acervos Catalogados.

Os acervos da FEB no Brasil são muitos, e estão localizados em várias cidades de nosso país. Existem acervos abrigados em museu nas cidades de Porto Alegre (RS), Caxias do Sul (RS), São Gabriel (RS), Jaraguá do Sul (SC), Curitiba (PR), Campo Grande (MS), Campinas (SP), Santo André (SP), Petrópolis (RJ), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), São João Del Rei (MG), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA), entre muitos outros. (FIG. 1)

Figura 1: Mapa do Brasil com estados que possuem acervos em museus sobre a FEB.



Fonte: [http://files.tudo-e-geografia.com/system\\_preview\\_detail\\_200003930-f20a8f35e0-public/Mapa-do-brasil-preto-e-branco.gif](http://files.tudo-e-geografia.com/system_preview_detail_200003930-f20a8f35e0-public/Mapa-do-brasil-preto-e-branco.gif) com alterações elaboradas pela autora.

No entanto esta pesquisa vai se concentrar, por meio de tabelas e gráficos, nos dados levantados no inventário de acervos sobre a FEB no Brasil

desenvolvido para o Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB, nas cidades de Belo Horizonte, Brasília e Campinas, no ano de 2016 até junho de 2017, que são os objetos que já estão catalogados e no banco de dados até o momento de início dessa pesquisa.

Deste modo serão feitos levantamentos quantitativos e comparativos (semelhanças e diferenças) entre os tipos de *guarda de acervos* (Museus, Colecionadores e Familiares) em relação as categorias e subcategorias do acervo.

Desde 2014 um grupo de professores do Curso de Museologia da Universidade de Brasília vem se dedicando ao “*Projeto de Implantação do Museu Virtual da Força Expedicionária Brasileira*”. O projeto foi iniciado por solicitação da ANVFEB Brasília, na pessoa do Veterano Vinícius Vêneto e da Dra. Cristina mediante a Ementa Parlamentar de nº 20690002 e 20690010 de autoria do Senador Cristovam Buarque.

Para que o mesmo fosse consolidado, iniciaram a elaboração de um mapeamento dos objetos relacionados à Força Expedicionária Brasileira (FEB) em cinco cidades brasileiras (Brasília, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba e Rio de Janeiro), sendo que nas cidades de Brasília, Belo Horizonte e Campinas as informações foram organizadas em um banco de dados a partir das normas estabelecidas pelo IBRAM.<sup>9</sup> Juntamente com essa atividade foi realizado um *Programa de Atividade Complementar (PAC)* oferecido aos acadêmicos do curso de museologia da Universidade de Brasília (UnB) para auxiliarem na catalogação dos objetos presentes no Museu Casa de Memória dos Ex-combatentes em Brasília, e também foram inscritos estudantes do curso de museologia no *Programa de Iniciação Científica (PROIC)* para pesquisarem sobre os acervos em questão.

Ao fazer a catalogação do acervo, adotou-se a nomenclatura definida pelo “*Tesouro de objetos do patrimônio cultural nos museus brasileiros*” feito por Helena Dodd Ferrez<sup>10</sup>, porém algumas nomenclaturas

---

<sup>9</sup> Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014. IBRAM.

<sup>10</sup> Mestrado em Ciência da Informação pela UFRJ e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT (1981), especialização em Documentação Científica pelo IBICT (1979) e graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1970).

foram adicionadas ao longo do processo, pois percebeu-se a necessidade e importância de alguns objetos para a memória da FEB.

Além disso, o inventário (cf.FIG. 2) está de acordo com a Resolução Normativa nº2, do dia 29 de agosto de 2014, do *Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)*, que estabelece normas para a catalogação e identificação de objetos museológicos:

Art 4º. I- Elementos de descrição para identificação do bem cultural de caráter museológico: a) número de registro - informação obrigatória do registro individual definido pelo museu para identificação e controle do objeto dentro do acervo; b) outros números - informação facultativa de numerações anteriores atribuídas ao objeto, tais como números antigos e números patrimoniais; c) situação - informação obrigatória da situação em que se encontra o objeto, o seu status dentro do acervo do museu, com a marcação das opções: 1- localizado; 2 - não localizado; 3 - excluído; d) denominação - informação obrigatória do nome que identifica o objeto; e) título - informação facultativa da denominação dada ao objeto atribuído pelo autor, curador ou pelo profissional da documentação; f) autor -: informação obrigatória do nome do autor do objeto (individual ou coletivo); g) classificação - informação facultativa da classificação do objeto segundo o "Thesaurus para Acervos Museológicos ou outros vocabulários controlados; h) resumo descritivo - informação obrigatória do resumo da descrição textual do objeto, apresentando as características que o identifique inequivocamente e sua função original; i) dimensões - informação obrigatória das dimensões físicas do objeto, considerando-se as medidas bidimensionais (altura x largura); tridimensionais (altura x largura x profundidade); circulares (diâmetro x espessura) e peso; j) material / técnica - informação obrigatória dos materiais do suporte que compõem o objeto, hierarquizando sempre a sua maior área confeccionada/manufaturada e a técnica empregada na sua manufatura; k) estado de conservação - informação obrigatória do estado de conservação em que se encontra o objeto na data da inserção das informações; l) local de produção - informação facultativa da indicação geográfica do local onde o objeto foi confeccionado; m) data de produção - informação facultativa da data ou período de confecção/produção/manufatura do objeto; n) condições de reprodução - informação obrigatória com a descrição das condições de reprodução do objeto, indicando se há alguma restrição que possa impedir a reprodução/divulgação da imagem do objeto nos meios ou ferramentas de divulgação; o) mídias relacionadas - informação facultativa acerca da inserção de arquivos de imagem, sons, vídeos e/ou textuais relacionados ao objeto. (Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014)

---

Larga e longa experiência, há mais de 30 anos, no planejamento, coordenação, implantação e implementação de sistemas de informação em Arquivos, Museus e Centros de Documentação e Informação, com ênfase em sistemas de recuperação de informação, documentação museológica e thesaurus. Os projetos coordenados incluem a criação de bases de dados, digitalização de acervos e catalogação, classificação e indexação de obras de arte, fotografias e documentos de arquivos privados. Nos últimos anos, essas atividades abrangem a disponibilização desses acervos na Internet para universalização de acesso.

Figura 2: Exemplo de ficha catalográfica.

**Museu Virtual da F.E.B**  
 Museu/Coleção que detém a guarda do objeto: **Acervo Particular Aracy Arnaud Sampaio**

Registro Geral do MVFER:  Registro:

Localização do objeto no museu/coleção:  
**Acondicionado em caixa de papélio, juntamente com outros objetos.**

Identificação do objeto:  
**Medalha de Campanha concedida à Enfermeira de 3ª Classe Aracy Arnaud Sampaio em 23/03/1972**

Nome do objeto: **MEDALHA MILITAR**

Título: **"Medalha de Campanha"**

Autor: **Sem referência**

Local de produção: **Sem referência** Data de produção: **Sem referência**

Assinatura: **Sem assinatura**

Marca: **Sem marca** Fabricante: **Não identificado**

Inscrições: **"BRASIL / FEB / 16 / VII / 1944" no anverso da medalha  
 "FEB" no reverso**

Material e técnica: **Metal e fita de gorgurão**

Dimensões: **7,0 x 3,8 x 0,3 cm** Partes do objeto: **1**

Modo de aquisição: **Legado** Data de aquisição: **08/09/2008 \***

Documento de aquisição: **Não há**

Procedência: **Aracy Arnaud Sampaio**

Outros números: **Não há**

Situação: Localizado  Não localizado  Excluído

Estado de Conservação: Ótimo  Bom  Ruim  Péssimo

Avaliação do estado de conservação:  
**Fita com perda de material, apesar de não estar enferrujada.**

Histórico do objeto:  
**Pertenceu à Aracy Arnaud Sampaio (informação oral fornecida por Maria do Socorro, filha de Aracy Arnaud Sampaio, em 21/09/2015)**

De acordo com o Diploma da Medalha, esta foi concedida à Enfermeira de 3ª Classe Aracy Arnaud Sampaio em 12 de outubro de 1945 "por ter participado de operações de guerra, na Itália".

Contexto histórico:  
 Aracy Arnaud Sampaio nasceu em Barreiras/BA em 19/10/1917 e atuou como enfermeira em Livorno (Itália) entre 19/10/1944 e junho de 1945. Faleceu em Brasília/DF em 08/09/2008.

Fotógrafo: **Andréa Fernandes Considera (21/09/2015)**

Descrição:  
**"Medalha de bronze formada por uma Cruz de Malta com 28 milímetros de altura e de largura as pontas de cada ramo 12 milímetros de altura e de largura, tendo as pontas de cada ramo 12 milímetros de espaço entre si; no anverso, na cabeça a palavra "Brasil", em letras maiúsculas; nos braços à esquerda o número dezenteseis, em algarismos arábicos; à direita o número sete, em algarismos romanos, e, no pé o número mil novecentos e quarenta e quatro, em algarismos arábicos, tudo em relevo e em dimensões proporcionais; a cruz carregada no centro de um disco com a legenda constituída pelas letras maiúsculas alinhadas: FEB (Força Expedicionária Brasileira), por uma coroa de louro, tudo em relevo. Ao alto da cruz, garra e argola para prender a fita; a argola com 13 milímetros de diâmetro. No reverso, uma linha em relevo e em círculo correspondente ao disco do anverso, com os dizeres: "Força Expedicionária Brasileira", tendo no exergo uma estrela e disposta em torno a legenda: "Medalha de Campanha", tudo em letras maiúsculas, em relevo, nas dimensões proporcionais e disposta em três linhas. Fita: de seda charmatolada, com 30 milímetros de largura por 40 milímetros de altura, nas cores verde e vermelha, verticalmente dispostas em três partes iguais; a do centro vermelha e as laterais verdes. Passador para fitas e para a barreta ou passadeira quando não se usar a medalha: de bronze, retangular, com 9 milímetros de altura por 34 milímetros de comprimento, vazio, formado por um cordão em relevo, de 2 milímetros de largura, prendendo as letras maiúsculas: F E B"**

Referências bibliográficas:  
**Decreto-lei nº 6.795 de 17 de agosto de 1944.**

Observações:  
**\* Data de Aquisição: foi considerada a data de falecimento de Aracy Arnaud Sampaio, uma vez que se trata de legado para a sua filha, Maria do Socorro.**

Condições de reprodução: **Somente no âmbito do PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DO MUSEU VIRTUAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA FEB.**

Mídias relacionadas: **Sem referência**

Elaborador: **Andréa Fernandes Considera - COREM 4R 149-I**

Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Metodologicamente, utilizou-se a divisão em três diferentes grupos de guarda: a) **os Museus**, "instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento."<sup>11</sup>; b) **os Colecionadores**, pessoas que não têm vínculo familiar com ex-integrantes da FEB, mas que adquiriram objetos ao longo dos anos formando um acervo particular com essa temática; c) **os Familiares**, parentes de ex-combatentes que guardaram objetos trazidos da guerra por seus familiares.

Sendo assim, foram catalogados, até o momento daquela pesquisa, 1094 objetos, sendo que, destes, 704 encontram-se em museus, 53 pertencem a colecionadores e 337 estão sob a guarda dos próprios ex-combatentes ou de seus familiares.

<sup>11</sup>Lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009. IBRAM.



Para compor o inventário foram catalogadas coleções de três museus: *Museu Casa de Memória dos Ex-Combatentes de Brasília (DF)*, *Museu da Força Expedicionária Brasileira em Belo Horizonte (MG)* e o *Museu da Associação dos Expedicionários Campineiros (SP)*. Além destes, foram contemplados seis acervos de colecionadores (sendo cinco de Campinas e um de Brasília); e vinte e sete coleções pertencentes aos familiares (sendo elas quinze de Campinas e doze de Brasília). Porém todo o acervo do grupo de familiares de Brasília foi contabilizado no grupo “Museus”, já que os objetos se encontram cedidos e expostos no Museu Casa de Memória dos Ex-Combatentes de Brasília (DF).

A partir disto, organizou-se um quadro analítico (QUADRO 1), dividido em categorias e subcategorias de acordo com o Tesouro. Deste modo, foi possível contabilizar a quantidade de objetos por subcategoria, e ao final obter o resultado total de quantos objetos existem em cada um dos três grupos de acervos.

**QUADRO 1:**  
**NOMENCLATURAS EM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE OBJETOS**

		Museus	Colecionadores	Particulares/ Familiares	TOTAL
OBJETOS DOMÉSTICOS	Acessórios de Interiores	1	0	0	<b>1</b>
	Objetos e Equipamentos de Iluminação	2	0	1	<b>3</b>
	Objetos e Equipamentos de Preparo de Alimentos	2	0	0	<b>2</b>
	Objetos e Equipamentos de Serviço de Alimentos	22	1	8	<b>31</b>
OBJETOS DE USO PESSOAL	Adornos Corporais	7	0	3	<b>10</b>
	Objetos de Auxílio, Cuidados e Conforto Pessoais	13	0	8	<b>21</b>
	Objetos de Fumantes	22	0	2	<b>24</b>
	Objetos de Identificação Pessoal	9	2	9	<b>20</b>
	Objetos de Toalete	10	0	3	<b>13</b>
	Vestuário	58	4	24	<b>86</b>

EQUIPAMENTO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS	Equipamento de Atividades de Transformação	0	0	1	<b>1</b>
EQUIPAMENTOS DE ATIVIDADES CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS	Equipamento Associado à Física	2	0	1	<b>3</b>
	Equipamentos Associados à Medicina e à Psicologia	13	0	14	<b>27</b>
	Equipamentos Associados à Topografia e à Navegação	3	0	0	<b>3</b>
	Equipamentos de Medição	1	0	0	<b>1</b>
OBJETOS DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS	Objetos Associados à Fotografia	32	6	101	<b>139</b>
	Objetos Associados à Música	1	0	0	<b>1</b>
	Objetos Associados às Artes Plásticas e ao Desenho Técnico	16	0	2	<b>18</b>
EQUIPAMENTO DE COMUNICAÇÃO	Equipamento de Comunicação Escrita	4	0	0	<b>4</b>
	Equipamento de Comunicação Sonora	2	0	0	<b>2</b>
	Equipamento de Telecomunicação	0	1	0	<b>1</b>
	Material de Propaganda	2	0	0	<b>2</b>
EQUIPAMENTOS DE LAZER E DE ESPORTE	Equipamento Lúdico	0	0	1	<b>1</b>
OBJETOS DE RITOS, CULTOS E CRENÇAS	Objetos Rituais e Cerimoniais	2	0	2	<b>4</b>
INSÍGNIAS E OBJETOS CERIMONIAIS E/OU COMEMORATIVOS	Insígnias	141	15	72	<b>228</b>
	Objetos Cerimoniais e/ou Comemorativos	40	0	7	<b>47</b>
OBJETOS	Dinheiro	14		1	<b>15</b>

PECUNIÁRIOS	Documentos de Pagamento	8	0	0	<b>8</b>
VEÍCULOS E ACESSÓRIOS	Veículos Terrestres e Acessórios	5	0	0	<b>5</b>
EQUIPAMENTOS DE CAÇA E DE GUERRA	Armas e Acessórios	18	1	3	<b>22</b>
	Equipamento de Defesa	7	9	4	<b>20</b>
	Munição e Acessórios	35	1	5	<b>41</b>
RECIPIENTES	Frascos	10	0	0	<b>10</b>
OUTROS	Outros	141	2	56	<b>199</b>
Cartão Postal	Cartão Postal	46	3	2	<b>51</b>
Carteira de Identidade	Carteira de Identidade	8	2	4	<b>14</b>
Livreto	Livreto	7	6	3	<b>16</b>
<b>Total</b>		<b>704</b>	<b>53</b>	<b>337</b>	<b>1094</b>

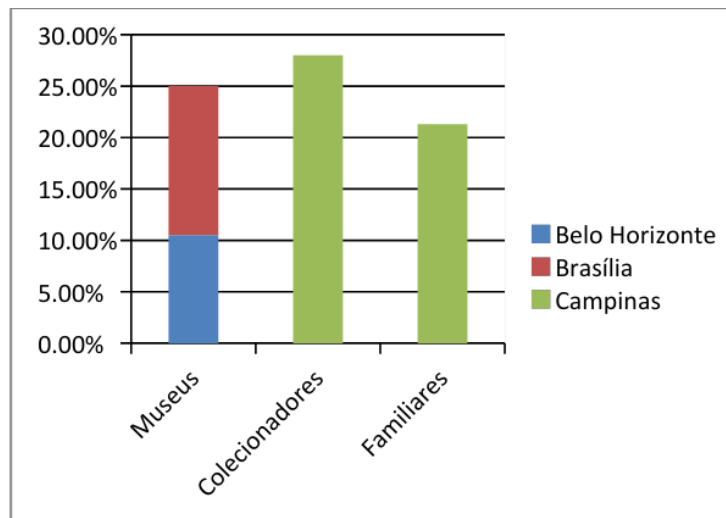
Notou-se que uma das maiores semelhanças percebidas durante a elaboração do quadro de nomenclaturas é que os grupos de guarda tendem a contemplar de forma significativa as *insígnias* (FIG. 3) nos seus acervos, As insígnias aparecem em primeiro lugar com uma quantidade significativa de objetos tanto no grupo dos colecionadores, 28% do acervo, (todos de coleções de Campinas), quanto no grupo dos museus, 20% do acervo, sendo 42% do Museu de Belo Horizonte e 58% do Museu de Brasília, já no grupo dos familiares aparece em segundo lugar de objeto mais frequente, 21,3% do acervo, todos na guarda de familiares em Campinas (GRAF 1 e GRAF 5).

Figura 3: “Medalha de Campanha”



Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Gráfico 1- Gráfico analítico do porcentual de “Insígnias” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.

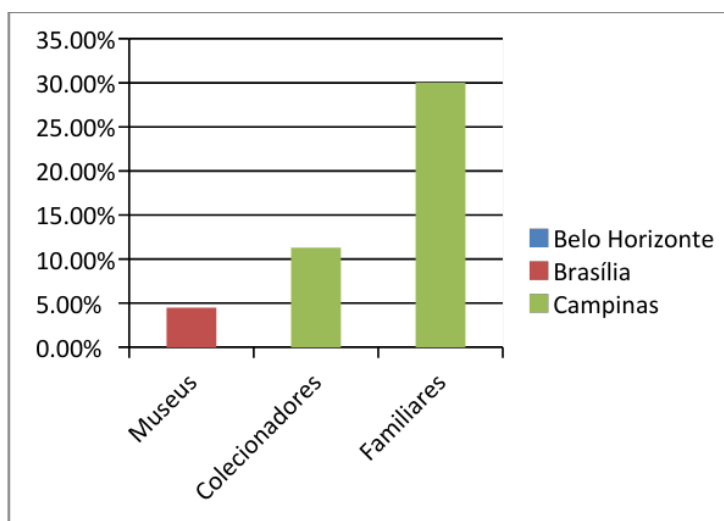


Fonte: elaborado pela autora

Outro dado observado foi que os **objetos associados à fotografia** que inclui as *fotografias* e as *foto pinturas*, atingem quase 30% das coleções dos familiares (todas de Campinas), se tornando o objeto mais frequente no acervo. Já no grupo dos colecionadores as fotografias vêm em terceiro lugar com 11,3% do acervo (todas de Campinas), por fim, no grupo dos museus as fotografias não aparecem como um dos objetos principais do acervo, tendo

somente 4,5%, e todo esse acervo de fotografias está no Museu de Brasília (GRAF 2 e GRAF 5).

Gráfico 2- Gráfico analítico do porcentual de “Objetos Associados à Fotografia” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

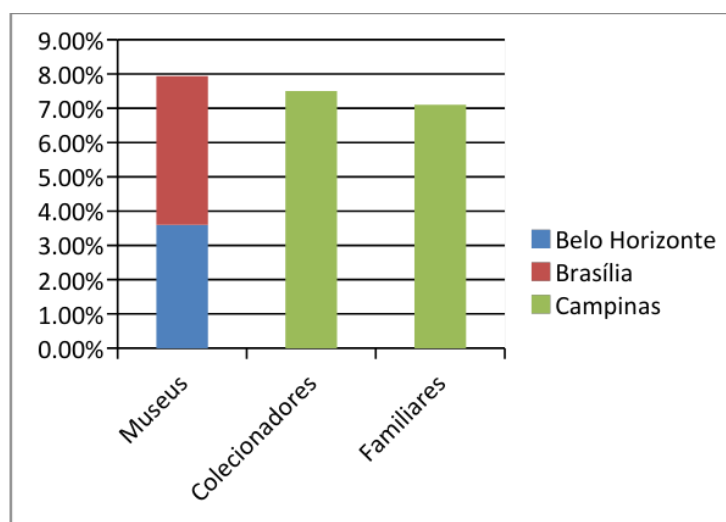
O **vestuário** que engloba os objetos calça, calçado, bota, camisa, capa de chuva, casaco, cinto, cobertura de cabeça, capacete, chapéu, gorro, escova de sapato, estojo de costura, gravata, luva, meia, perneira, roupa íntima, suéter, suspensório e uniforme (FIG. 4) é outra subcategoria bem presente nos três grupos de guarda. No acervo do grupo familiar representa 7,1% dos objetos (precedência de Campinas); no grupo dos museus em segundo lugar com 8,2% do acervo (53% de Brasília e 47% de Belo Horizonte) e no grupo dos colecionadores com 7,5% do seu acervo (todos de colecionadores em Campinas) (GRAF 3 e GRAF 5).

Figura 4: “Uniforme/Farda”



Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Gráfico 3- Gráfico analítico do percentual de “Vestuário” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se também uma diferença quando se trata da subcategoria de **equipamentos de caça e de guerra** que inclui: arma branca, arma de fogo (FIG. 5), coldre, pente de munição, capacete de combate, cartucheira,

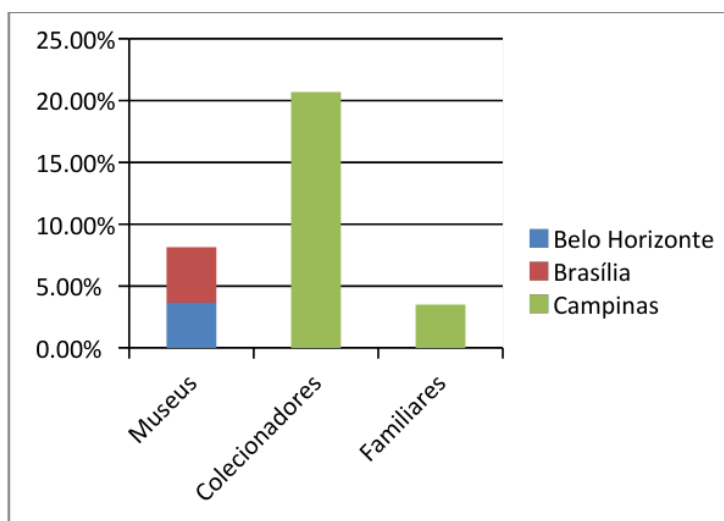
cartucho, espoleta e projétil. Esta ocupa o segundo lugar em frequência (20,7%) no grupo dos colecionadores (todos de Campinas), e aparece com 8,5% no grupo dos museus (57% de Brasília e 43% de Belo Horizonte) e 3,5% nos familiares (Campinas) (GRAF 1).

Figura 5: “Capacete de Combate”



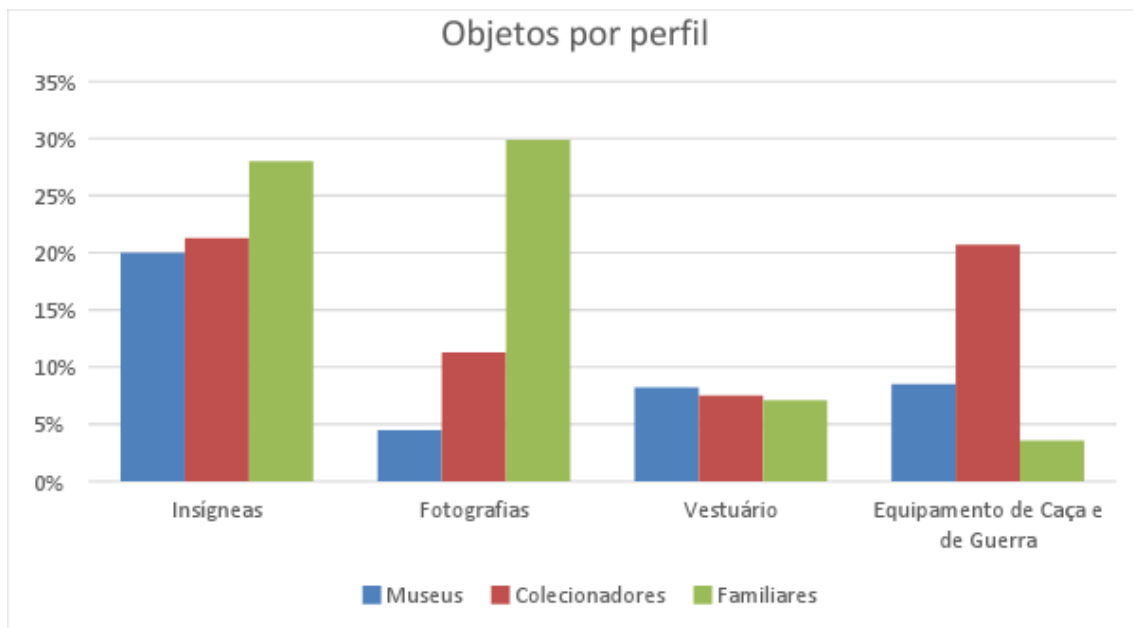
Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Gráfico 4- Gráfico analítico do porcentual de “Equipamento de Caça e de Guerra” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 5- Gráfico analítico do porcentual dos objetos em questão ao acervo de cada grupo de guarda.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos objetos menos frequentes nos acervos, notamos novamente algumas semelhanças e diferenças, como por exemplo, o objeto **“Cartão Postal”** (FIG. 6) que está concentrado no grupos do Museu (98% de Brasília e 2% de Belo Horizonte) e dos Colecionadores (100% Campinas) com mais de 5% nos dois acervos (GRAF 2), e percebe-se um número baixo (menos de 1%) no grupo dos familiares (100% Campinas) (GRAF 6 e GRAF 10).

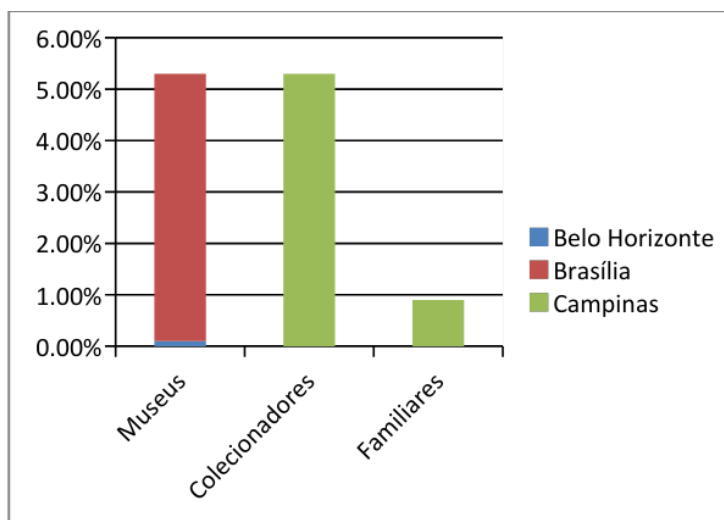
Figura 6: “Cartão Postal”



Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.



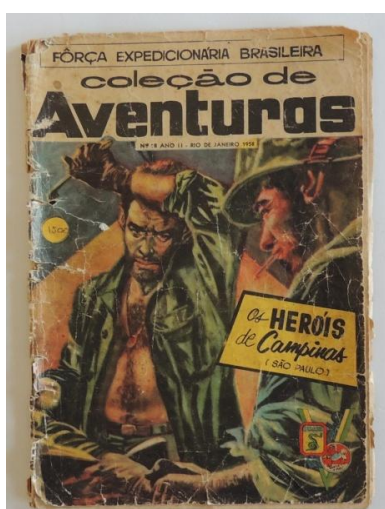
Gráfico 6- Gráfico analítico do porcentual de “Cartão Postal” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

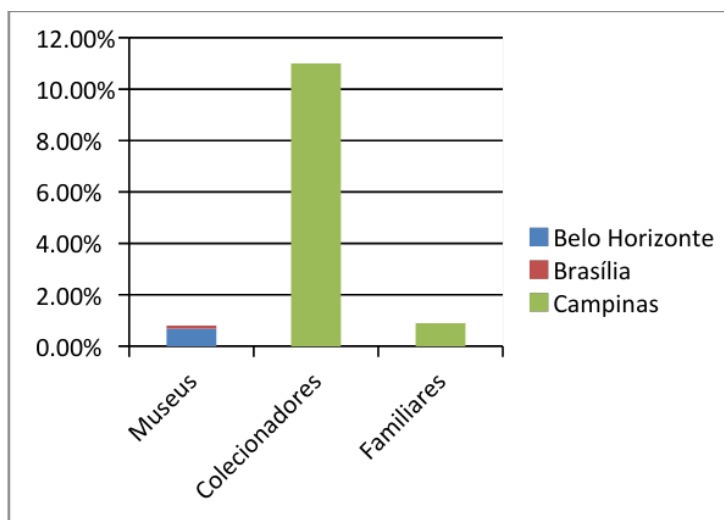
Tendo o objeto **“Livreto”** (publicações e/ou manuais que os expedicionários usavam durante a guerra) (FIG. 7) como foco de análise percebe-se que existe uma discrepância na quantidade do mesmo nos acervos. Os grupos de museus (86% Brasília e 14% Belo Horizonte) e de familiares têm menos de 1% do mesmo objeto, mas o grupo dos colecionadores possui mais de 11% (GRAF 7 e GRAF 10) de livretos no total do acervo.

Figura 7: “Livreto”



Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Gráfico 7- Gráfico analítico do porcentual de “Livreto” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

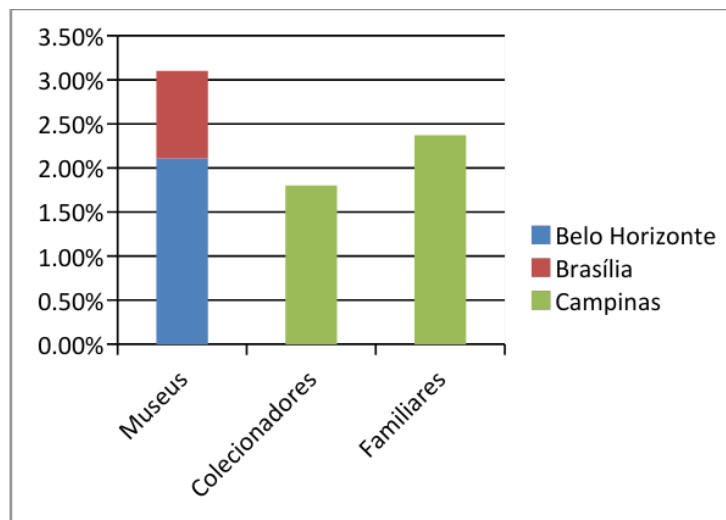
Na subcategoria **“Objetos e equipamentos de serviços de alimentos”** que contemplam os objetos: caneca (FIG. 8), cantil, garrafa de bebida, marmita e talher (colher, faca e garfo), nota-se que esses objetos não são muito frequentes em nenhum dos três grupos de guarda, nos museus (3,1%), nos colecionadores (1,8%) e nos familiares (2,37%) (GRAF 8 e GRAF 10).

Figura 8: “Caneca”



Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Gráfico 8- Gráfico analítico do percentual de “Objetos e Equipamentos de serviço de alimentos” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

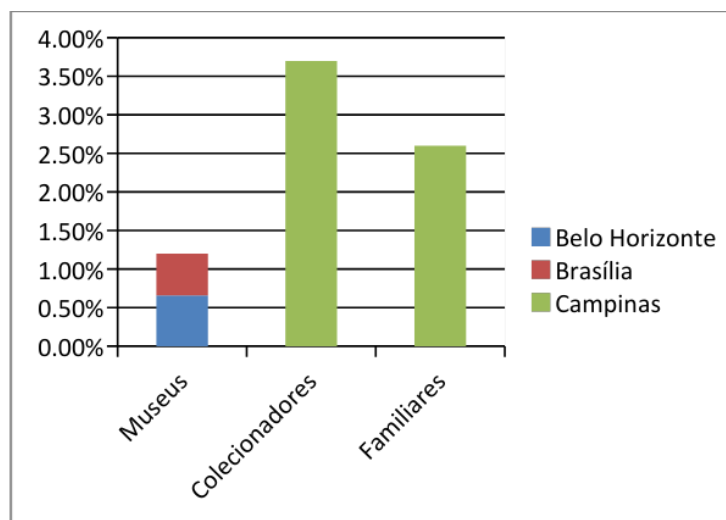
A última categoria a ser analisada é a de “**Objetos de Identificação Pessoal**” que engloba as subcategorias: adornos corporais (broche), objetos de auxílio, cuidados e conforto pessoais (bolsa, chaveiro), objetos de fumantes, objetos de identificação pessoal (FIG. 9), objetos de toalete e vestuário, em que aparece nos três grupos com um número bem equilibrado, sem muita diferença entres eles: museus (1,2%), colecionadores (3,7%) e familiares (2,6%). (GRAF 9 e GRAF 10)

Figura 9: “Plaqueta de Identificação”



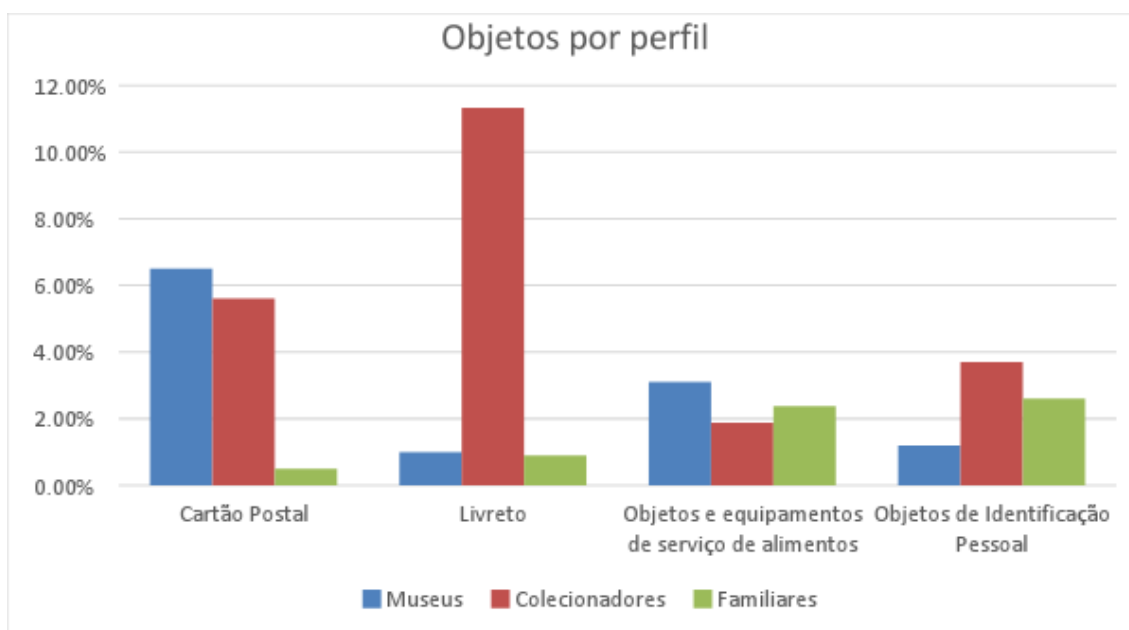
Fonte: Banco de Dados do Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB.

Gráfico 9- Gráfico analítico do porcentual de “Objetos de Identificação Pessoal” em relação ao grupo de guarda e sua respectiva cidade.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 10- Gráfico analítico do porcentual dos objetos em questão ao acervo de cada grupo de guarda.

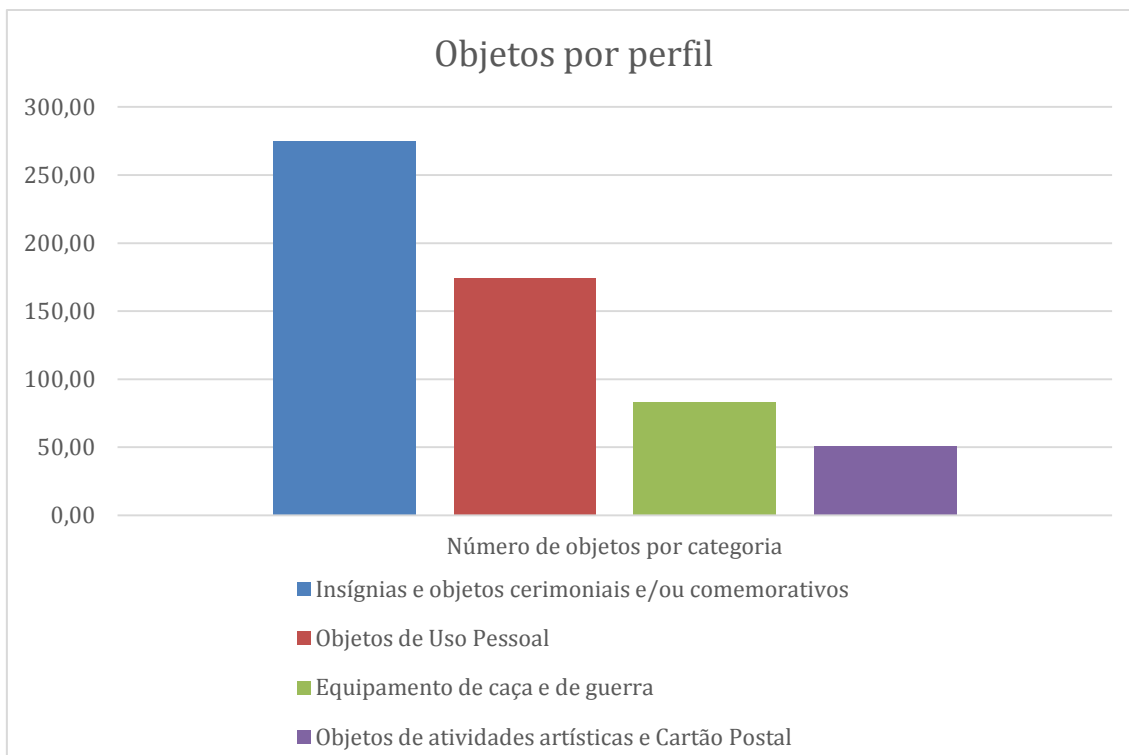


Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisarmos quais as categorias com maior número de objetos, somando os três grupos de guarda conseguiu-se identificar as quatro maiores categorias existentes nesses grupos. A primeira foi “Insígnias e objetos cerimoniais e/ou comemorativos” com o total de 275 objetos (GRAF 3). Em

segundo lugar, com 174 objetos vem a categoria de “Objetos de uso pessoal” (GRAF 3). A categoria seguinte, em terceiro lugar, é a de “Equipamento de caça e de guerra” que envolve armas e acessórios, equipamento de defesa e munição e acessórios, que vem com o total de 83 objetos. Já em quarto lugar houve um empate de 51 objetos nas categorias de “Objetos de atividades artísticas” e “Cartão postal” (GRAF 11).

Gráfico 11- Gráfico analítico da quantidade de objetos por categoria.



Fonte: Elaborado pela autora

Tendo como base os dados explanados, o capítulo seguinte apresentará reflexões sobre o porquê das semelhanças e diferenças notadas a partir dos gráficos produzidos. Deste modo serão analisados cada tipo de grupo de guarda com seus respectivos objetos de maior frequência e preferência inseridos em seus acervos, identificando então quais tipologias tem mais repetições ou não nos determinados grupos de guarda e o motivo de se utilizar esses objetos, que foram possíveis à guarda, para representar sua memória.

## CAPÍTULO 3:

### Análise Museológica dos Acervos da FEB

Este capítulo tem como objetivo analisar os dados apresentados no capítulo anterior. Sendo assim serão explanadas as definições das categorias de objetos segundo o *thesaurus* e apontadas algumas hipóteses sobre os motivos pelos quais existem diferenças e semelhanças entre os grupos de guarda quanto ao tipo de objeto colecionado para representar sua memória.

Segundo José Rogério Lopes (2010), o hábito de juntar e colecionar objetos é tão antigo quanto a consciência do ser humano. Citando Bataille o autor afirma que: “para ganhar um sentido de permanência, os homens começaram a exteriorizar a sua existência por meio de objetos e sentimentos regularmente produtores de um bem-estar físico e espiritual.” (apud, LOPES, 2010, pág. 378). Em soma disso Lopes (2010) afirma que estudos como a antropologia dizem que:

o caráter universal do ato de colecionar, referindo-se a juntar coisas e dar-lhes sentidos compartilhados entre os humanos, ao evidenciar que as práticas sociais de colecionar são orientadas por princípios e valores definidos em contextos de endoculturação. (LOPES, 2010)

Lopes (2010) ainda diz que se pode constatar que todo ser humano, desde criança, é instigado a selecionar objetos a partir de práticas e vivências sociais de acordo com suas percepções de vida. Esses objetos podem ser também “selecionados” a partir de transferências entre o próprio grupo familiar, como de pai para filho, que são objetos passados hierarquicamente como forma de herança, sendo ela social, econômica ou sentimental.

Este é o caso do grupo de guarda dos **familiares** que será analisado ao longo do capítulo. É importante enfatizar que essa prática de guardar objetos, segundo Lopes, tem relação com a trajetória de vida das pessoas, e marcam seus ciclos de vida.

Essa relação que os objetos estabelecem com a vida das pessoas é um fator importante para ser questionado: o porquê de muitos desses acervos

serem expostos ao público ou não. E essa é uma variável que também foi levada em conta durante a pesquisa, pois muitos objetos dos acervos particulares (**familiares** e **coleccionadores**) foram doados a **museus**, como forma de preservar essa memória e divulgar ao público. Como afirma Menezes (1998) “a exterioridade, a concretude, a opacidade, em suma, a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória” (MENEZES, 1998, pág. 90).

Nem todos os objetos, segundo a pesquisa de Maria Letícia Ferreira, Francisca Michelin, Olívia Nery e Frantieska Schneid (2015), têm o mesmo caráter funcional, memorial e identitário. Alguns são utilizados de acordo com as funções originais, e no futuro serão descartados. Já outros, possuem valor sentimental e memorial, esse é o caso dos objetos de acervos da FEB que estão sendo analisados no trabalho, ou seja, esses dados servem como fonte de análise para compreender a visão de mundo dos grupos de guarda envolvidos, pois como os objetos são carregados de lembranças e memórias, pode-se dizer que juntos carregam uma identidade.

Sendo assim, o primeiro dado a ser analisado é o da quantidade de objetos existentes em cada tipo de acervo. O grupo de guarda com maior quantidade de objetos são **os museus**, o que nos permite interpretar que muitas doações foram feitas para que fosse permitida a formação e criação dessas instituições. Seja por parte de familiares ou de colecionadores, se teve o entendimento por ambos os grupos de que esse acervo deveria ser de acesso ao público, e por meio de associações ou por conta própria doaram parte de seus acervos para compor um museu totalmente voltado para a memória da FEB.

Dessa forma, conclui-se que **os museus** já receberam os objetos selecionados pelos outros dois tipos de grupos de guarda (familiares e colecionadores), pois estes grupos antes de fazerem suas doações julgaram o que seria relevante para ilustrar essa memória a partir de seus entendimentos e visões de mundo.

Em segundo lugar, vêm os acervos dos **familiares**, que é o grupo de guarda que tem maior número de coleções (vinte e sete unidades). Apesar

de grande parte de essas coleções estarem abrigadas em museus, percebe-se que ainda há uma quantidade significativa de coleções guardadas com os próprios familiares. Demonstra também que grande parte do acervo da FEB trazido para o Brasil ficou de heranças e sob guarda das próprias famílias dos expedicionários.

Segundo as autoras Maria Letícia Ferreira, Francisca Michelin, Olívia Nery e Frantieska Schneid (2015), o hábito das famílias guardarem esses objetos com fortes cargas memoriais serviram, e ainda servem de lugares de memória dentro do âmbito familiar às quais fazem parte.

Em último lugar aparece o grupo dos **coleccionadores** o que indica que existem pessoas de fora da zona familiar dos expedicionários que se interessam pela temática da Força Expedicionária Brasileira, e que decidiram por vontade própria colecionar e abrigar esses objetos.

Como a forma dos colecionadores formarem seus acervos é comprando objetos, entende-se que possivelmente quando o grupos dos familiares decidem se desfazer dos objetos de seus acervos, eles preferem doar a museus do que vender aos interessados.

Isso se dá ao fato dos familiares quererem dar ampla visibilidade a esse acontecimento histórico vivido por seus entes queridos, sendo mais importante então dar essa visibilidade do que o valor monetário que ganhariam vendendo aos colecionadores, já que doando parte de seus acervos para um museu essa divulgação da memória se amplia, por ter um público maior e mais frequente. Justificando então a quantidade pequena de objetos em acervos de colecionadores. Porém, ao contrário do que muitos pensam, Carolina Arantes (2010), citando Jean Baudrillard, define: “O colecionador não é simplesmente um acumulador, mas um selecionador, um classificador e um organizador de objetos”.

Dito isso, uma das categorias de nomenclatura de objetos que tem a maior frequência nos acervos dos três grupos de guarda foram as *insígnias*, indicando assim que é um objeto bastante utilizado para representar a história da FEB, pois a maioria dos expedicionários já receberam em solo brasileiro (facilitando a guarda) e que simbolicamente traz o sentimento de honra e



orgulho de ter participado da guerra, já que o recebimento de umas destas (insígnias) comprova a participação dos expedicionários na guerra. Pode-se afirmar então, que esses objetos não são somente detentores de memórias, e sim uma representação dos próprios sujeitos ativos durante a guerra.

As insígnias são compostas por diversos tipos de objetos, e cada um deles tem uma função e significado diferente:

- a) *Condecorações*: Insígnia de honra e distinção, dada pelo Estado, com a finalidade exclusiva de premiar por serviços e méritos. De variadas conformações - cruz, medalha, placa, colar etc. -, são usadas pendentes ou apostas nos trajes civis e militares.
- b) *Barretas e conjunto de barretas*: Pequena travessa de metal, revestida com uma ou mais fitas nas cores da condecoração que representa, usada em trajes civis e militares em lugar das medalhas. Sua função é substituir o uso da medalha correspondente bem como indicar a qualificação ou nível honorífico da comenda.
- c) *Diploma de Condecoração*: Declaração solene de reconhecimento concedida a alguém que se destacou por mérito, trabalhos prestados etc., que muitas vezes acompanha a insígnia de condecoração, a medalha de premiação etc.
- d) *Medalha comemorativa*: Medalha de ouro, prata, bronze etc., confeccionada para comemorar um fato, um acontecimento memorável.
- e) *Placa comemorativa*: Objeto com formato de tabuleta, geralmente de metal, mármore ou granito, com inscrição comemorativa.
- f) *Medalha militar*: Medalha condecorativa, concedida a militares das forças armadas para distinguir importantes serviços prestados a seus países. A do Brasil foi criada em 1901, substituindo a Ordem Honorífica de Aviz extinta pela Constituição de 1891. Conferida pelo Presidente da República, destina-se aos militares em serviço ativo e aos oficiais professores do magistério militar.
- g) *Medalha-prêmio (FIG. 3)*: Medalha condecorativa dada por um bom serviço, uma boa ação, um ato de heroísmo etc.
- h) *Distintivo de uniforme militar*: Símbolo em metal, tecido etc., usado em uniformes militares como siglas, monogramas, representações de objetos e emblemas de regimentos, patentes, graduações etc., geralmente nas coberturas de cabeça e/ou nas camisas e casacos.
- i) *Platina*: Peça retangular que se abotoa ao ombro da túnica ou da camisa do uniforme militar, na qual se põem as insígnias de posto de oficial e sob a qual, antigamente, se passava o talabarte. A platina é a simplificação das dragonas dos antigos uniformes. (FERREZ, 2016, págs. 207, 321, 357, 534, 535, 537, 626 e 629)

Nota-se também algumas diferenças relacionadas aos *objetos associados às fotografias*. O grupo dos **familiares** tem como objeto principal de sua memória as fotografias, pois como afirma Le Goff, a fotografia é uma manifestação da memória, ela “revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a” (2003, p. 13). A fotografia tem o poder de congelar a memória no tempo e essa é uma forma da família construir sua identidade juntamente com seus antecessores. E por terem criado um elo íntimo com essas fotografias, esse tipo de objeto se tornam muito pessoais, por isso as fotografias não são objetos muito comuns a serem doados para os museus, o que é perceptível por ter apenas 4,5% de fotos em seu acervo.

Outra subcategoria bem presente nos três grupos de guarda é o *vestuário*. Interpreta-se que é um objeto que ilustra realmente o cotidiano vivido pelos expedicionários durante a guerra, pois foram objetos de uso diário de todos eles, e algo muito característico da vivência que tiveram, além de ser algo que conseguiram trazer consigo da guerra.

A **farda** (FIG.4) é um dos objetos mais presente no grupo do *vestuário* que é definida pelo *Thesauro* como:

Vestimenta padronizada, usada diariamente pelos profissionais das forças armadas, paramilitares e policiais etc., dividida em categorias, de acordo com a ocasião (de gala, solene, de passeio, de serviço e de educação física) e constituída por vários elementos. É um dos principais símbolos que representam a profissão militar. (FERREZ, 2016, pág. 424)

Uma das maiores diferenças é quando se trata da subcategoria de *equipamentos de defesa*, compreendendo então que esses objetos são importantes, mas não são considerados os mais relevantes nas coleções dos **familiares** para retratar essa memória, porém no grupo dos **museus**, há uma quantidade significativa desses objetos, já que parte dos objetos que compõe o acervo foi de doação dos colecionadores. Para o grupo dos **coleccionadores**, esses objetos são tratados como raros e relevantes para compor seus acervos com a temática da FEB. Para Michel Silva, os colecionadores utilizam os objetos como sendo:

fontes de prazer estético e proporcionar a aquisição de conhecimentos históricos ou científicos. O fato de possuir coleções denota prestígio, evidencia o gosto de quem as

adquiriu, demonstra suas curiosidades intelectuais. (SILVA, 2014, pg. 5).

Já ao analisarmos os dados dos objetos menos frequentes nos acervos, nota-se mais uma vez algumas semelhanças e diferenças, como por exemplo, o objeto “*Cartão Postal*”, que, segundo Camila Azevedo (2012), o ato de colecionar cartões postais se tornou algo comum na primeira metade do século XX. “Os motivos desse novo hábito podem ser relacionados à novidade da fotografia e as novas técnicas de impressão e reprodução da imagem que permitiram uma produção massificada do cartão postal” (AZEVEDO, 2012, pág. 337).

Tendo isso em vista, percebeu-se a alta doação de cartões postais feitas por **familiares à museus**, os museus dão um significado completamente diferente para os objetos, Susan Pearce afirma:

Tudo se passa como se a vida anterior à musealização deixasse de existir para que o objeto de museu pudesse ‘renascer’ para um novo universo de significações. Nessa nova fase de sua existência são alterados, para além de sua função essencial que deixa de ser utilitária passando a ser interpretativa, os seus modos de se relacionar com os outros objetos e com os seres humanos que lhes dão sentido. O objeto não perde a sua funcionalidade e nem mesmo é possível afirmar que ele ‘morre’ para o mundo do qual fazia parte anteriormente, no entanto, ele deixa de exercer as suas funções tradicionais para ser interpretado como símbolo ou signo de realidades sociais específicas (reais ou imaginadas). (PEARCE, APUD, BRULON, 2006, pág.26).

Ou seja, os familiares entendem que esse é um objeto importante para contextualizar a guerra e memória da FEB, e que esse objeto deve estar exposto ao público em museus com essa ressignificação, pois eram esses cartões que mantinham o contato entre os expedicionários na guerra e seus entes queridos no Brasil. De acordo com o levantamento do banco de dados elaborado para o Projeto de Implantação do Museu Virtual da FEB essa doação seria responsável por mais de 12% do total de acervo de cartões postais em acervos de museus.

Segundo Cássio Tomaim (2008),

acabou por se difundir entre a população que os pracinhas brasileiros teriam ido fazer turismo na Europa, o que explicitava a concepção de que a FEB não teria participado de grandes missões. (TOMAIM, 2008, p.278 e279).

Essa concepção poderia ser confirmada ao observarmos que o número de cartões postais que foram trazidos para o Brasil é grande, e foram trazidos como forma de memória para os expedicionários, porém o autor César Maximiano (2004) explica alguns dos motivos do porque a população tinha esse imaginário:

- a) nem todos os brasileiros que estiveram na Itália experimentaram a guerra nas mesmas proporções, uma vez que aproximadamente 60% dos brasileiros enviados à Europa pelo Exército eram especialistas como armeiros, motoristas, enfermeiros, instrutores, pessoal de manutenção e etc que desempenharam suas funções na retaguarda; então, muitos destes brasileiros ao retornarem ao Brasil não tinham muito o que contar, apenas as adversidades comuns ao cotidiano da caserna;
- b) para completar, quando a FEB retornou os veteranos foram proibidos de relatarem as suas experiências da guerra a amigos e familiares;
- c) também se propagaram pelo país as aventuras amorosas dos pracinhas com as italianas, fábulas que seriam reforçadas pelo episódio das “50 noivas de guerra”, em que após o retorno dos escalões da FEB um navio fora enviado à Itália para trazer cinquenta italianas que haviam se casado com os brasileiros (MAXIMIANO, 2004, p.119-120)

Dessa forma compreende-se que os expedicionários trouxeram muitos cartões postais como forma de retratar e ilustrar tudo aquilo que vivenciaram pela primeira vez na vida: viajar para a Europa, ver a neve, montanhas grandiosas, paisagens europeias e etc (FIG. 10).

Figura 10: Expedicionários em deslocamentos feitos em terrenos cobertos de neve.



Fonte: [http://www.portalfeb.com.br/wp-content/uploads/FEB\\_defesa-na-neve-em-porreta-terme.jpg](http://www.portalfeb.com.br/wp-content/uploads/FEB_defesa-na-neve-em-porreta-terme.jpg)

O próximo objeto a ser analisado, é o “*Livreto*” do qual se percebe que existe uma discrepância na quantidade desse objeto nos acervos. Os livretos são publicações e manuais de manutenção de máquinas e veículos que os expedicionários usavam durante a guerra. Esses dados ajudam a entender o porquê dos colecionadores possuírem maior porcentagem de livretos do que os outros dois grupos de guarda. Ao longo da análise dos dados percebe-se a preferência dos colecionadores por objetos utilizados diretamente na realidade dos campos de batalha vividos pelos expedicionários, ao contrário dos outros dois grupos de guarda (em que o *Livreto* consta nos últimos lugares).

Já na subcategoria “*Objetos e equipamentos de serviços de alimentos*”, nota-se que esses objetos não são muito frequentes em nenhum dos três grupos de guarda, possivelmente a causa disso é ou por serem objetos muito comuns (caneca, garfo, faca, colher, cantil), da utilização cotidiana de todos (mesmo daqueles que não foram à guerra), ou também pelo motivo dos expedicionários não terem dado preferência para trazer ao Brasil a esse tipo de objeto.

Ao observarmos então as três categorias com maior número de objetos somando os três grupos de guarda, identifica-se um ranking geral de objetos: em primeiro lugar as *Insígnias e/ou objetos cerimoniais* e

comemorativos, em segundo *Objetos de uso pessoal* e em terceiro lugar *Equipamento de caça e guerra*.

Individualmente, os **Museus** tem o mesmo ranking de objetos que a disposição geral. Os **coleccionadores** têm em primeiro lugar as *Insígnias*, em segundo lugar os objetos de *Equipamento de caça e guerras* e juntos em terceiro lugar *Objetos de uso pessoal*, *Objetos associados à fotografia e Livretos*. Já os **familiares** possuem em primeiro lugar os *Objetos associados à fotografia*, em segundo lugar as *Insígnias* e em terceiro lugar os *Objetos de uso pessoal*, os objetos de *Equipamento de caça e guerras* só vem aparecer nesse grupo em quinto lugar.

Isso diz muito sobre os acervos analisados, pois se pode refletir que o primeiro objeto que os expedicionários tendem a guardar foram aqueles que comprovam sua participação na guerra e que lhes trazem honra e de certa forma orgulho por terem participado da Força Expedicionária Brasileira, além de terem sido entregues aos expedicionários já no Brasil, facilitando a guarda desse tipo de objeto.

Em segundo lugar aparecem os *objetos de uso pessoal*, significando que uma das maiores preocupações dos expedicionários e seus **familiares** são de guardar objetos que retratem a figura humana dos mesmos, e de doar esses objetos aos **museus**, ou seja, mostrar essa figura humana dos expedicionários para o público dos museus é um fator crucial para o grupo dos familiares (ao contrário dos **coleccionadores**), retratar que apesar dos expedicionários terem ido à guerra ainda sim eram pessoas com sentimentos e princípios.

Já em terceiro lugar vêm os *equipamentos de caça e guerra*, em que a maior quantidade está abrigada nas mãos dos **coleccionadores**, que tem uma visão mais “fria” sobre o acontecimento, já que os mesmos não têm laços/parentescos com os expedicionários. E também por serem objetos característicos militares, como os expedicionários foram civis que lutaram na guerra, esse objeto não se tornou algo de adoração para eles, o que provavelmente aconteceria caso fossem militares indo à guerra. Sendo assim, no perfil dos **familiares** esse tipo de objeto não é muito comum, já nos **museus**

houve doações dos próprios colecionadores para compor o acervo com objetos desse tipo.

Assim, analisou-se que cada grupo de guarda de acervo (museus, colecionadores e familiares) tem seus entendimentos a partir dos objetos e tentam ao seu modo contar a história dos Expedicionários Brasileiros, cada acervo foca naquilo que mais lhe convém e no que acreditam ser o essencial para ilustrar essa memória, fazendo de cada grupo de guarda um tipo de historiador de si mesmo (NORA, 1993), que preservam essa memória a partir de suas verdades e visões de mundo.

Deste modo, com os dados apresentados consegue-se perceber a preferência de cada grupo de guarda nos objetos para a representação de sua memória, que segundo a autora Sandra Pesavento (2003) “não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, e sim uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2003, pág.40). Ou seja, cada um percebe a história da FEB de maneiras diversas, e não há como dizer que uma história está certa e a outra errada, e sim que são várias formas de perceber um mesmo acontecimento.

Conclui-se que há sim muitas concepções e objetos em comum ao retratar essa memória da Força Expedicionária Brasileira nos seus respectivos acervos, mas que também todos os grupos têm suas particularidades e que existem diferentes tipologias de objetos para representar essa memória que muitas vezes fazem parte de sua história pessoal de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre a representação dos objetos em diferentes grupos de guarda a partir do levantamento de inventário feito pelo Projeto de Implementação do Museu Virtual da FEB. Estimulando a guarda e documentação desse patrimônio material por parte dos museus, colecionadores e familiares. Querendo contribuir para os debates que acontecem no campo museológico sobre as formas de analisar a relação entre os objetos preservados e a memória de um grupo específico.

Os acervos da Força Expedicionária Brasileira foram a fonte de indagações para esse trabalho, que buscou refletir e entender a necessidade de descobrir uma memória e representação por trás dos objetos selecionados e guardados nos acervos. Além de entrar na perspectiva da documentação em relação a gestão desse patrimônio.

Utilizou-se de instrumentos como gráficos e tabelas para desenvolver a análise quantitativa dos dados. Foi feito o levantamento nos acervos de familiares, colecionadores e museus nas cidades de Belo Horizonte, Brasília e Campinas, dessa forma todos os objetos foram catalogados e inseridos no banco de dados, para que assim por meio das tabelas e gráficos fossem comparadas as tipologias dos objetos, a quantidade e a preferência de cada grupo de guarda.

Chegou-se a conclusão de que cada grupo de guarda tem sua singularidade e preferências por alguma tipologia de objeto, e isso se dá pela relação que cada grupo tem com a memória da FEB. Verificou-se também alguns padrões de objetos nos três grupos de guarda, como as insígnias, que foram objetos recebidos já no Brasil pelos expedicionários, facilitando então o acesso desses objetos aos grupos de guarda.

A pesquisa trouxe uma série de aprendizados, em que foi possível aplicar meus conhecimentos aprendidos ao longo da minha trajetória acadêmica. Assim este trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões e indagações pessoais de uma futura museóloga, problematizando o fato de



muitas memórias de grupos específicos serem esquecidas ao logo do tempo, e se utilizar de objetos para recontar essa história foi o que me trouxe à essa pesquisa.

Porém essa pesquisa ainda não se esgotou, existem muitos acervos espalhados pelo Brasil que ainda não foram catalogados e estudados, e podem ser fontes de estudo para vários campos da ciência. Pois apresentando essa memória ao mundo acadêmico e dando visibilidade a esse tema, faz com que essa história seja preservada.

Em suma, a partir da metodologia e objetivos levantados e adotados para essa pesquisa foram alcançadas uma série de respostas para as questões levantadas inicialmente. Tal fato reforça a seriedade de ser trabalhada a relação entre a memória e sua representação em forma de objeto, uma vez que dar essa visibilidade de memória à grupos específicos tem um espaço importante dentro do âmbito museológico. Já que, dessa forma, estaremos respeitando, mantendo e preservando essa memória.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Carolina Pinto. Coleções: um estudo dos processos criativos e comunicacionais. Mestrado em comunicação e semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC. São Paulo, 2010, p.1-71. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/4220/1/Carolina%20Pinto%20Arantes.pdf>

Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari. Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Camila Nascimento. Imagens selecionadas: uma coleção de postais e alguns de seus significados. ISSN 1808 -8473 – Vol. 9, n. 1, 2012, p. 1-18. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/viewFile/2852/2229>

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRULON, Bruno. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.25, n.1, p. 25-37, jan./abr. 2015

CHAGAS, Mário de Souza. Os Museus e os sonhos: panorama museológico brasileiro no século XIX e início do século XX. In: \_\_\_. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006, p.37-49.

CHAGAS, Mário. Gustavo Barroso: museu, história, nação. In: A imaginação museal. Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009, p.75-112. Disponível em: [https://issuu.com/romulofreitasgonzales/docs/imagina\\_o\\_museal\\_-\\_museu\\_mem\\_r](https://issuu.com/romulofreitasgonzales/docs/imagina_o_museal_-_museu_mem_r) - acessado em 10 de maio de 2017

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Belo horizonte: Editora Autêntica, 2007.

CONSIDERA, Andréa Fernandes. Uma história dos fazeres museais no Brasil entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX: Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Paranaense e Museu Paulista. Brasília, 2015.

COSTA, Sílvia Ramos Gomes da; MACIEL, Fábio Osmar de Oliveira; RIBEIRO, Leila Beatriz. Coleção e Memória: A trajetória dos objetos a partir da análise fílmica. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ; 2010. p. 1-13.

DIAS, Claudia Cristina de M. G. A trajetória de um “Museu de Fronteira”: A criação do Museu da Imagem e do Som e aspectos da identidade carioca (1960-1965). In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001, p. 217- 253.

DOS SANTOS, Myrian Sepúlveda. Políticas da Memória na Criação dos Museus Brasileiros. In: Cadernos de sociomuseologia nº19, 2002.

DUMANS, Adolpho. "A ideia da criação do Museu Histórico Nacional". In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v29, p.13-23, 1997.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; MICHELON, Francisca Ferreira. NERY, Olivia Silva; SCHNEID, Frantieska Huzsar. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 1, p. 42-51, jan/abr 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/938/93838249006/>

FERREZ, Helena Dodd. Tesouro de objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros. Rio de Janeiro, 2016.

Foucault, M. 1969 A Arqueologia do Saber, Gallimard, Paris. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/FOUCAULT.pdf>

GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha de; LOUREIRO, Maria Lúcia de N. M.. Documentação em Museus. (Vol. 10). Rio de Janeiro, MAST, 2008.

Le GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Págs. 525 a 541. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> acessado em 10 de maio de 2017

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: Uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.

MAXIMIANO, César Campiani. Trincheiras da memória : brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos. 1998, págs. 89-103. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>

MENSCH, Peter Van. El objeto como portador de datos. In: Cuadernos Museologia. Lima, Peru. 1989: 53-62.

NICOLAZZI, Fernando. Os historiadores: clássicos da história. Vol. 3: de Ricoeur a Chartier. Petrópolis: Vozes/PUC-Rio, 2014, p. 308. PARADA, Maurício (org.). Editora VOZES, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Revista Projeto História. Nº 10. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, pp.7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763> acessado em 10 de maio de 2017

OJEDA, Caroline Martins. Força Expedicionária Brasileira: Memória de Guerra e formação de identidades. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397281\\_ARQUIVO\\_artigo-anpuh2.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397281_ARQUIVO_artigo-anpuh2.pdf)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo horizonte: Editora Autêntica, 2003.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia) acessado em 10 de maio de 2017

ROSA, Alessandro dos Santos. A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2010/ALESSANDRO.pdf>

SILVA, Michel Platini Fernandes da ; LISBOA, Pablo Fabião. Histórias sobre coisas e pessoas: Coleção e colecionismo em Krzysztof Pomian e Jean Baudrillard. Aracaju, 2014, p. 1-19. Disponível em: [http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1424132369\\_ARQUIVO\\_MichelPlatiniFernandesdaSilvaePabloFabiaoLisboa.pdf](http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1424132369_ARQUIVO_MichelPlatiniFernandesdaSilvaePabloFabiaoLisboa.pdf)

TOMAIM, Cássio dos Santos. Enrriqueirados no tempo: a FEB e os ex-combatentes no cinema documentário. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca, SP. 2008, p. 1-307. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/cassio.pdf>

VENANCIO, Giselle Martins. Os historiadores: clássicos da história. Vol. 3: de Ricoeur a Chartier. Petrópolis: Vozes/PUC-Rio, 2014, p. 308. PARADA, Maurício (org.). Editora VOZES, 2014.

#### Legislação

Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014. IBRAM.